

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V—SÉRIE II

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$25—AFRICA, \$35—ESTRANGEIRO, \$60

N.º 59 (149)—27-4-924

Redactor principal:
António Teixeira
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

LIBERDADE!...

Para todos os presos!
Para tôdas as vítimas
da sociedade burguesa

LIBERDADE!...

Neste momento crítico, em que todo o operariado consciente e tôdas as organizações revolucionárias se agitam no sentido de arrancar das masmorras inquisitoriais — desses ergástulos que são a maior vergonha com que os Estados flagelam moralmente os povos que trabalham — os inúmeros presos que nelas se encontram, nós, que reclamamos para todos os indivíduos a máxima liberdade, deixariamos de cumprir com o nosso dever se não dessemos a êste movimento, profundamente humano, todo o nosso esforço, se não lhe emprestassemos tôda a revolta que nos vai na alma.

E, com efeito. Se por tôda a parte, em Portugal como na França, na Itália como na Rússia, na Espanha como na Bulgária, há homens encarcerados pelo facto de defenderem ideas de justiça, e porque motivo, nós, que ainda gozamos um pouco de liberdade condicional, não havemos de reclamar a liberdade daqueles que nem isso tem?

Ergue-se em todo o mundo o protesto dos homens livres contra todos os opressores que encarceram os apóstolos duma idea, simplesmente pelo facto dessa idea preconizar — uma sociedade mais livre e perfeita.

Pois bem! Nós que temos levantado o nosso vibrante protesto contra a tirania dos governantes de todos os países, tornamos maior neste momento esse protesto, exigindo também do governo português a liberdade dos presos por questões sociais, a maior parte condenados por um tribunal extinto, pelo motivo dos próprios governantes, autoridades e juizes reconhecerem que constituia um absurdo e uma ignomínia.

Sim! Reclamemos a liberdade dos prêsos — de todos sem excepção. Preparem-se para isso os trabalhadores. Ergam a sua voz de protesto. Porque é necessário livrar das garras do abutre aqueles que o mesmo abutre conseguiu prender.

Vamos! Unam-se todos. Que os presos por questões sociais tem sofrido demasiadamente.

Liberdade! Liberdade para todos os presos!

E' êste o grito que, ecoando dum ao outro extremo, deve fazer abrir as portas chapeadas das sinistras cadeias, para que êsses homens, verdadeiras vítimas da sociedade capitalista, possam livremente respirar, em breve, mais um pouco de ar puro.

Cédula pessoal

Quando novo e inexperiente, desconhecedor, portanto, da organização das sociedades com os seus ministros e regedores, juizes e carcereiros, polícias e militares, alcajotes e bufos, cabos de secção e espiões, julgava que, na verdadeira acepção do termo, um ministro era uma criatura de inteligência superior.

Na minha imaginação juvenil, essa criatura era dotada de largos e profundos conhecimentos científicos, para assim poder promulgar leis e decretos em harmonia com a psicologia do povo que governava.

Mas, fatal ilusão! O que eu tenho visto neste país, como nos outros, é apenas estadistas

adjectivados de *grandes*, mas que, se nos dermos ao trabalho de analisar a obra que fazem, ou melhor, se nos dedicarmos a apreciar-lhes a intellectualidade, veremos que ela é tam medíocre que só se torna célebre pelas medidas ridículas que a sua pobre cerebreira produz. Além disso, ainda tenho verificado que muitos dos ministros que se guindam às culminâncias do poder, se entretem a plagiar a obra dos seus antecessores, dando-lhe uns retoques para aparentar *novidade*, ou o verniz da sua política.

Estas considerações vêem a propósito da imposição da cédula pessoal, plagiada agora pelo sr. José Domingues dos Santos, porque êste sr. deve ter conhecimento de que, há muitos anos, a mesma medida

nos foi imposta, por um qual-quer *sábio* ignorado, e que foi rapidamente repelida pela organização operária.

Mas o espírito reaccionário do monárquico doutrora entende agora o contrário. E como entende o contrário, vá de ver se a coisa pega...

Que tristeza! E que lástima!

Pregunto: e para que querem os governantes e quejandos bonifrates da Patronal, o livrê do trabalho? Uma coleira para o operariado. Se êle já tem tantas, desejam agora que êle tenha mais um documento para o perseguirem mais eficazmente, matando-o à fome, ou enclausurando-o no caso delê se tornar num rebelde...

Francaamente: os governos ou são imbecis ou infames. e Para que lhes serve a polícia

que possuem, polícia de tôdas as cores e feitios?

Estou plenamente convencido que a voz dos proletários, do operariado rebelde se ha-de erguer bem alto, repelindo com energia semelhante medida.

E mal lhe irá se assim não fizer. A cédula pessoal é um escárneo. E como tal tem de ser combatida.

Fora os tartufos! Fora os imbecis que nos querem arregimentar.

Liberdade! Liberdade! Basta de opressão e tirania...

JÚLIO DE CAMPOS.

ATENÇÃO!

No dia 1.º de maio publicaremos um número especial, alusivo à data histórica que passa.

Democracia e Anarquia

Os governos ditatoriais que dominam na Itália, na Espanha e na Rússia, e que provocam a inveja e o desejo das fracções mais reaccionárias e mais timoratas dos diversos países, estão fazendo à já exautorada «democracia» uma espécie de virgindade nova. Por isso vemos velhos manhosos de governo, estragados por tôdas as *malas artes* da política, responsáveis por repressões e estragos contra o povo trabalhador, apresentarem-se, quando tem coragem para isso, como homens de progresso, e procurarem assambarcar o futuro próximo em nome da idea liberal. E dada a situação actual, poderão também ter sucesso.

Os partidários da ditadura teem belos argumentos, quando criticam a democracia, e põem em relêvo todos os seus vícios e as suas mentiras. E eu recordo aquele tal Hermano Sandomirsky, o anarquista bolxevizante com quem tivemos contactos agrídoces na ocasião da conferência de Genova, e que agora procura comparar Lênine «simplesmete» a Bakunine; recorde, digo, que Sandomirsky para defender o regime russo mobilizava todo o seu Krapotkine afim de demonstrar que a democracia não é a melhor entre as constituições sociais imagináveis. Pois que se se tratava dum russo, o seu modo de raciocinar trouxe-me à mente, e creio que lho disse, um raciocínio semelhante, que faziam alguns dos seus compatriotas, quando, para responderem à indignação do mundo civilizado contra o tzar, que fazia desnudar, fustigar e enforçar mulheres, sustentavam a igualdade dos direitos e portanto da responsabilidade dos homens e das mulheres.

Aqueles provedores de cárceres e de patíbulos recordavam-se dos direitos da mulher só quando eles podiam servir de pretexto a novas infâmias! Assim, os defensores da ditadura mostram se adversários dos governos democráticos, só quando descobrem que há uma forma de governo que deixa ainda mais livre campo aos arbitrios e prepotências dos homens que conseguem apoderar-se do poder.

Não há dúvida, segundo a minha opinião, que a pior das democracias é sempre preferível, quando mais não seja de baixo do ponto de vista educa-

tivo, à melhor das ditaduras. Decerto que a democracia, o chamado governo do povo, é uma mentira, mas a mentira obriga sempre um pouco o mentiroso, e limita-lhe o arbitrio; decerto que o «povo soberano» é um soberano de comédia, um escravo com corôa e sceptro de cartão; mas o julgar-se livre, ainda que o não seja, é sempre melhor do que saber-se escravo, e aceitar a escravidão como coisa justa e inevitável.

A democracia é mentira, é opressão, é na realidade oligarquia, isto é, governo de poucos em benefício duma classe privilegiada; nós podemos combatê-la em nome da liberdade e da igualdade, mas não aqueles que já a substituíram, ou querem-na substituir por qualquer coisa pior.

Nós não somos democráticos, entre várias razões, porque a democracia, cedo ou tarde, conduz à guerra e à ditadura, como não somos apologistas da ditadura, entre outras coisas, porque esta faz desejar a democracia, provoca o seu novo aparecimento, e tende assim a perpetuar este oscilar da sociedade humana da franca e brutal tirania a uma pretensa liberdade falsa e mentirosa.

Portanto guerra à ditadura, e guerra à democracia.

Mas que vamos pôr no seu lugar?

Nem todos os democráticos são como aqueles a que nos temos referido até aqui, isto é, hipócritas, mais ou menos consciêntes, que, em nome do povo, querem dominar sobre o povo, explorá-lo e oprimi-lo.

Numerosos são, sobretudo, entre os jovens republicanos, os que acreditam a sério na democracia, e aspiram a ela como a um meio para assegurar a todos a liberdade de desenvolvimento pleno e integral. São estes jovens que nós queremos desenganar e induzir a que não confundam uma abstracção, «o povo», com a realidade vivente, que são os homens com tôdas as suas várias necessidades, múltiplas paixões diversas, e muitas vezes aspirações contraditórias.

Não iremos repetir aqui a crítica do sistema parlamentar, e de todos os meios inventados para se ter deputados, que representem na verdade a vontade dos eleitores: crítica que

após cinquenta anos de predicação anarquista, é enfim aceita, e repetida também por aqueles escritores que mais desprezo afectam pelas nossas ideas. (Vêde, por exemplo, «A Ciência Política» de Caetano Mosca).

Limitar-nos hemos a convidar aqueles nossos jovens amigos de usarem maior precisão de linguagem, convencidos de que uma vez dissecadas as frases, êles vêr-lhe hão o vasio. «Governo do povo» não, porque isto significaria o que jamais se verificou, isto é, a unanimidade de vontade de todos os indivíduos, que constituem o povo.

Por isso, aproximar-nos hemos mais da verdade, dizendo: «o governo da maioria do povo». Dêste modo supõe-se já a existência duma minoria que deverá revoltar-se, ou submeter-se à vontade dos outros.

Mas não acontece nunca que os delegados ao poder da maioria do povo sejam todos do mesmo parecer sobre tôdas as questões; por isso necessita-se ainda recorrer ao sistema da maioria, aproximando-nos pois ainda mais da verdade, dizendo: «Governo da maioria dos eleitos pela maioria dos eleitores.» O que principia já a assemelhar-se bastante a um governo de minoria.

E se se considerar depois o modo como se fazem as eleições, como se formam os partidos políticos e os grupos parlamentares, e como se elaboram, se votam, e se aplicam as leis, compreende-se facilmente o que já está provado pela experiência teórica universal, que também na mais democrática das democracias é sempre uma minoria que domina, e impõe, com a força, a sua vontade e os seus interesses.

Por isso quem quer deveras o governo do povo no sentido que cada um possa fazer valer a sua vontade, as suas ideas e as suas necessidades deve fazer de modo que ninguém, — maioria ou minoria, — possa dominar sobre os outros, quer dizer, deve querer a abolição do governo, isto é, de toda a organização coercitiva e a sua substituição pela livre organização entre os que teem interesses e fins comuns.

E a coisa seria simplicíssima se cada grupo ou cada indivíduo pudesse isolar-se e viver por si, a seu modo, bastando-se a si mesmo, independentemente dos outros, satisfazendo tôdas as suas necessidades materiais e morais;

Mas a coisa não é possível;

e, se fosse possível, não seria desejável, porque significaria a degradação da humanidade para a barbaria e selvajaria.

E' preciso pois que cada um, — indivíduo ou grupo, — se está decidido a defender a própria liberdade, compreenda os vínculos de solidariedade que o ligam a toda a humanidade, e tenha bastante desenvolvido o sentimento de simpatia e de amor pelos seus semelhantes para saber impôr-se voluntariamente todos os sacrifícios necessários a uma vida social que assegure a todos as maiores vantagens possíveis em tôdas as contingências.

Antes disso, porém, é necessário tornar impossível a imposição dalguns sobre a massa por meio da força material que se tira da própria massa que sofre esta imposição.

Façamos desaparecer o genídarme, isto é, o homem armado ao serviço do despota, e dum modo ou doutro, se chegará ao livre acôrdo, porque sem acôrdo livre ou forçado, não é possível viver.

Todavia o livre acôrdo far-se há sempre com mais vantagem por aqueles que estejam mais bem preparados intelectualmente e tècnicamente; e por isso recomendamos aos nossos amigos, àqueles que querem deveras o bem de todos, o estudo dos problemas mais urgentes, que pedirão uma solução prática no próprio dia em que o povo terá sacudido o jugo que o oprime.

ERRICO MALATESTA.

GRUPO EDUCAÇÃO SOCIAL DOS MANIPULADORES DE PÃO DO PORTO

Reuniu este grupo, resolvendo, entre outros assuntos, intensificar a propaganda Pró-Educação, e protestar contra a infama condenação à morte do revolucionário espanhol Juan Acher, assim como contra a imposição infamante da cédula pessoal e contra as perseguições de todos os governos aos homens possuídos de ideas de emancipação humana, estendendo o seu protesto a todos aqueles que, dizendo-se defensores duma sociedade mais justa e equitativa, teem feito chicana dentro de organizações operárias, no intuito de obstar aos protestos, mais que justificados, contra as perseguições dos tiranetes governamentais da Rússia aos elementos mais dedicados à causa humana.

A RESSURREIÇÃO...

A igreja católica apostólica romana, celebra hoje, com toda a pompa, com todo o esplendor e com todo o luzimento, a cerimônia litúrgica da Ressurreição!

Mas, afinal de contas, que vem a ser a Ressurreição? Segundo os mais preclaros doutores da igreja, os abades, os padres, os curas e os próprios sacristães, faz hoje um bom par de anos—como poderia ter feito ontem, anteontem ou trasantontem, ou como poderia fazer amanhã ou daqui a quinze dias—que um indivíduo qualquer, real ou imaginário, que dava pelo nome de Jesus Cristo, saiu do sepulcro onde tinha sido enterrado com todas as honras do estilo, e, sem auxílio de azas, de balão, de aeroplano, ou de qualquer outro meio de transporte, *atravessou* o espaço infinito, arreventou, a machado, as portas chapeadas que vedavam o céu a um bom número de mortais inteligentes, e foi sentar-se, porque, naturalmente, ia cançada da jornada, à mão direita de Deus-pai, para, dêsse cômodo sítio, espreguiçar cá para baixo, espionar mesmo, todos os passos que desse a pobre humanidade.

Como significado histórico do dia de hoje, é isto que, pela boca dos seus luminares, nos diz a liturgia católica, acompanhando o relato com mais ou menos palavras, e ornando-o com mais ou menos poder de milagre! E a dar-lhe um bocadinho de *crédito*, devemos convir que esta mexerufada de literatura e milagre, se assemelha bastante àquelas mágicas estapafúrdicas que se representam exageradamente nos teatros da aldeia, donde os basbaques, por não perceberem nada daquilo que vêem, saem babadinhos e mesmo crentes de que tudo quanto lhe impingiram poderia ser verdade...

Assim, a Ressurreição que a igreja católica soleniza hoje, não é mais, portanto, do que uma mágica que se *representou* há muitíssimos anos, mas que não tem nada de realidade: é imaginária, como imaginárias são todas as coisas que as religiões nos apresentam para infundir o terror nas pessoas timoratas e crentes, visto que o poder que se saca destes «predicados» tem o condão de criar uma rédua de parasitas que podem viver tranqüilamente à custa do esforço ingente e fatigante da grande massa dos

operários. E, nestas condições, a igreja que, mais do que qualquer outra instituição, sabe muito bem explorar a credulidade e a ignorância do povo, leva todos os anos à cena a mesma peça; e, com maior ou menor sucesso, vai, assim, iludindo e *estupidificando* as multidões que se ajoelham timidamente perante os ícones carunchosos que, a poder de tintas, óleos e aguarras, brilham nos altares como reis ou imperadores... de opereta...

Tôdas as religiões, desde a mais desenvolvida à mais raquítica, têm os seus dogmas que, aos olhos dos crentes e dos fanáticos, são intangíveis, ou, melhor, indiscutíveis.

Um crente e um fanático, admitem um dogma com a mesma facilidade com que um soldado executa uma ordem. O espírito messiânico atingiu, na mentalidade dos religiosos, um tal poder de sugestão, que eles, as mais das vezes, chamam à Verdade uma mentira, e à Mentira, a sublime verdade.

A Ressurreição não passa duma Mentira. Não há, nem pode haver, um cérebro equilibrado, que possa conceber que um morto se levante do seu caixão, perfure os sete palmos de terra que lhe pesam, como chumbo, sobre o corpo amarelado, e que, ainda por cima, *caminhe, suba*, através o espaço infinito, até encontrar um palácio onde fixe a sua residência, para, de aí, *governar* o mundo a seu talento. De resto, só a afirmação de que um morto adquiriu vida, de que um morto, depois de morto, voltou a ter a mesma vontade de quando vivo, é uma afirmação de tal modo grotesca e risível que só pode encontrar eco nas cabeças povoadas de ignorância.

E', com efeito: «sendo a religião o desenvolvimento sumptuoso dum instinto rudimentar, comum a todos os brutos: «o terror»; e sendo o terror o produto da ignorância, claro está que os crentes e os fanáticos religiosos aceitam todas as coisas da igreja como uma verdade insofismável. E, no entanto, os dogmas religiosos não passam de mentiras grosseiras e estúpidas ao serviço duma clientela que explora o trabalho dos outros.

O medo às chamas do inferno e a esperança nas vantagens do paraíso, eis os dois pontos

capitais em que a Igreja se firma para exercer o seu domínio. Pois bem: as chamas do inferno, como as vantagens do paraíso, não passam de mentiras, de superstições, de patacoadas que prejudicam enormemente a humanidade que trabalha utilmente. E aqueles que, no dia de hoje, vão assistir devotamente à cerimônia pomposa da Ressurreição—isto é à partida fictícia do tal Cristo para os infinitos, nem sequer se lembram de que, enquanto olham para o ar, há um bom número de malandrões que, utilizando-se dessa distração, lhe metem as mãos nas algibeiras, ao mesmo tempo que procuram manietar-lhes os movimentos e apagar-lhes quaisquer rastros de inteligência que possam assomar-lhes à cabeça.

Em conclusão: a cerimônia religiosa de hoje é uma mentira, que junta a muitas outras mentiras que infelicitam o gênero humano, tem de ser combatidas com vigor e tenacidade, para que os homens possam, um dia, ser livres e felizes.

Notas dum Rebelde

No artigo, *Modos de ver...*, inserto no n.º 54 do nosso semanário, «Anarkus», a propósito duma discussão havida dias antes da sua publicação, entre bons e sinceros camaradas, no número dos quais ele se encontrava, diz em resposta, embora indirectamente, o que pensa e sente, como lhe permitem os seus *fracos recursos de observador*. E assim, começando por dizer que havendo camaradas que afirmam a necessidade que temos em mudar de tática, *deixando de combater esta engrenagem politico-social, incetando imediatamente a obra de construção que temos como objectivo*, com cujas razões aduzidas ele diz não discordar, termina alegando que, em virtude da desmoralização dos governantes, cuja desmoralização se infiltrou já nas massas espoliadas, corrompendo-as, *não devemos, sem risco das nossas doutrinas, encetar a obra de construção*.

Ora isto, camarada, apesar dos meus poucos conhecimentos, é tudo quanto há de mais desconexo.

Eu não posso conceber um camarada—um anarquista—com a concepção que «Anarkus» nos apresenta, propagando a abstenção da combatividade desta pútrida engrenagem social que é a sociedade burguesa, nem tam pouco devo conservar-me

em silêncio perante as observações por ele feitas de que, sem risco das nossas doutrinas, não devemos encetar a obra de construção como certos camaradas propagam e defendem. E como sou um dos visados, embora indirectamente, venho à liça varrer a testada, já que outros, com mais conhecimentos e aptidões, se não deram à tarefa de o fazer.

O que se discutiu e o que eu considero mais consentâneo com a minha forma de ver, já o disse em *A Comuna* (propriedade do Grupo Mocidade Anarquista) na sua apresentação em 1 de outubro de 1913, cuja doutrina eu ainda hoje perfito.

Para alguns dos mesmos períodos chamo, pois, a atenção de «Anarkus»:

.....
Espalhando a luz tam bela da verdade, pugnando sempre pela Justiça e desenvolvendo no povo o sentimento nobilíssimo da solidariedade—eis a nobre missão que a nós próprios impusemos.

Na vanguarda, sem arrogância mas também sem temor, marcharemos impávidos, prontos sempre a condenar esta iniquidade permanente que é a sociedade burguesa.

.....
A par da nossa tarefa demolidora, outra lhe surge mais grandiosa, mais humana, talvez: a Construtiva.

Cabe lançar sobre os escombros da sociedade burguesa, os alicerces inabaláveis duma outra sociedade onde todos os indivíduos tenham plenamente assegurada a satisfação de todas as necessidades—fisiológicas, morais e materiais.

.....
Assim, sim.

MÁRIO AZEVEDO.

CORREIO DE "A COMUNA"

AMÉRICA—*Germano B. Tavares*—Recebemos 1 dólar. Os nossos agradecimentos.

LISBOA—*J. A. Neves*—Recebemos 5\$00. Escusavas de te preocupar com a dívida. Tomamos em consideração o restante.

Nos nossos colaboradores

A abundância de original mais uma vez nos obriga a deixar de remissa diversos artigos, entre eles uma Resposta à «República Social».

Que, desta falta involuntária, nos desculpem os nossos camaradas.

DUAS IDEAS

Deus-República

Com estes dois títulos publicou a *Republica*, de Vila do Conde, um «editorial» assinado pelo sr. Octávio Sérgio, que pode ser considerado como uma *boutade* dum catoliqueiro em calças pardas.

Começando por dizer que sendo «Portugal — pátria de quantos tratantes dela tem feito o alteroso mar onde des-agüam as maiores asneiras da «Europa» (?) — é fácil e usual cada um chamar a si o direito de interpretar o sentido «das palavras, como se elas fossem únicas no seu sentido «único.»

O *furibundo* articulista nem sequer observou, ao traçar aquelas linhas, que estava a atribuir aos outros aquilo que ele segue à risca. E a razão é simples: dando êle, às palavras que ouye, ou que lê, o sentido que quer, está, *ipso facto*, à margem de toda a discussão. Porque, atrapalhando e baralhando tudo, não chega a uma conclusão convincente. Mas, para o apreciarmos melhor, e para não nos considerarem como intolerantes, apreciêmo-lo pelas suas próprias palavras:

«Conheço um homem que é republicano porque crê em Deus! E' que, quando a república lhe disse — Liberdade, Igualdade e Fraternidade, já esse homem o sabia porque Deus lho tinha ensinado.» Não sabíamos que Deus era mestre-escola. Que livro adoptará êle para ensinar os seus alunos? A cartilha do padre Inácio? As pachouchadas do sr. Leonardo Coimbra? Mas, seja como for. O que é pena é esse tal Deus não ter ensinado o sr. Octávio Sérgio. Porque, sendo êle um acérrimo defensor da Liberdade, Igualdade e Fraternidade saiu-se com esta:

«Que conceito faz o gentio da ciência de governar? Não será a ciência governativa mero privilégio duma elite?

Bela Liberdade, excelente Igualdade e sublime Fraternidade as do sr. Sérgio. Partidários desta trilogia há-os por aí aos milhares, para não dizermos aos milhões... Qualquer morcego e qualquer bandido tem o mesmo critério. Só com esta diferença: nunca o expuseram em público com medo da crítica e do ridículo. Mas o sr. Sérgio é audacioso: imagina que uma hóstia é compatível com a Liberdade, com a Igual-

dade e com a Fraternidade... E chamam analfabetos aos que não sabem ler...

Para fazer uma defesa do seu republicanismo... azul e branco, diz êle:

«O homem que nega Deus, negando a sua origem, nega a sua condição. A espiritualidade do Universo depende logicamente duma equação na qual o primeiro membro — Deus ou Pensamento inicial é igual ao segundo — a Humanidade. Representando Deus por D, a Humanidade por H e o número de almas por Y, teremos:

$$D = H Y$$

«ou melhor:

$$D = H_1 + H_2 + H_3 \dots + H_y$$

Entrando nos domínios da matemática podemos aplicar equações a tudo. Assim, representando a ignorância por I os «carolas» por C e o número dos Sérgios por S, teremos:

$$I = C_s$$

ou melhor:

$$I = C_1 + C_2 + C_3 \dots + C_s$$

isto é, a Ignorância, considerado para o caso como unidade inteira, é igual à soma de tantas parcelas quantos forem os Octávios Sérgios que existam no planeta...

O problema Deus, se por acaso nos quisermos entreter com essa ninharia, deve ser discutido fora da matemática. Porque, sendo a matemática uma ciência exacta, dentro dela só cabem coisas objectivas, concretas, e não coisas subjectivas, abstractas. Ora Deus é uma coisa subjectiva, abstracta. Se, em torno desta palavra, não girasse um cortejo fúnebre de interesses, de egoismos e ambições; se, em volta deste termo não andasse uma clientela que tem por fim conservar o mundo em explorados e exploradores, — isto é, taboleta Deus serve unicamente para uns viverem à custa dos outros — há muito tempo que se teria posto de parte essa maluqueira de considerar uma coisa abstracta como uma coisa concreta. E a Humanidade só teria a lucrar com isso.

Quando o homem nega Deus, afirma uma grande verdade. Deus não existe; mais: nunca existiu. E' inútil procurar a

defesa dessa palavra, porque, por mais tratos de polé que se dêem à mioleira, qualquer tentame nesse sentido só pode basear-se em sofismas grosseiros, ou em subterfúgios irrisórios.

A evolução e o progresso de tudo quanto existe faz-se fora dos âmbitos dessa «entidade» abstracta e mesmo contra ela. Isto significa que Deus representa um dique a tudo o que de bom a humanidade possa produzir. E, de facto: «quem quer Deus, quer a escravidão dos homens. Portanto, temos de escolher: ou Deus e a indignidade do homem; ou a liberdade do homem e a eliminação do fantasma divino. Eis o dilema — e daqui não se pode fugir.

Ora nós, os «avançados» — como desdenhosamente nos classifica o sr. Sérgio, queremos a liberdade do homem. E como queremos a liberdade do homem, temos de eliminar o fantasma divino. O sr. Sérgio não o concebe assim; e, cristalizando na república, que é um Estado como qualquer outro, imagina que a República é o termo da evolução social.

Repetimos: é uma verdadeira anomalia chamar analfabetos apenas aos que não sabem ler. Os Sérgios da força deste Octávio também podem ser classificados como analfabetos. E a prova provada do que afirmamos, reside no facto dele querer demonstrar-nos — como se nós já não o soubessemos — que o republicanismo pode ser católico e vice-versa.

Dado um Estado político em que o sistema social assente na exploração do homem pelo homem, todos os partidários desse Estado podem ser católicos. Qualquer criatura sabe isto. E sabe isto, porque a espada sempre quis que a Cruz a apoiasse: leia a história e verá que não lhe mentimos. Ora nós queremos acabar com a exploração do homem pelo homem. E, neste sentido, temos de eliminar todas as abstrações que teem escravizado o homem.

A Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade são termos em que a república teoricamente se apóia para suggestionar as massas; mas, praticamente, esses termos não valem nada dentro dela. Valerão, sim, numa sociedade completamente livre, naquela sociedade que vêem pregando os «avançados» e que o sr. Sérgio não quer, porque tem medo de, em vez de comer hóstias e evaeuar cristos, trabalhar e produzir para o bem comum, deixando assim de ser um parasita para se transformar num homem útil.

Mas, descanse: a evolução e o progresso das ideias seguem o seu curso. E quando elas forem um facto prático, verá que só lucrou com isso.

Deixe-se, portanto, de reacionarismos estúpidos.

M. C. MACHADO.

PRÓ-FILHOS DE

BENTO DA CRUZ

Pôrto, 14 de Abril de 1914.

Previnem-se todos os camaradas e organismos que o sorteio que se havia de realizar pela lotaria de 19 do corrente, fica transferido para a última lotaria do próximo mês de maio. O grupo promotor resolveu redobrar de actividade na passagem do resto dos bilhetes que ainda existem pois que a família do desditoso Bento da Cruz se encontra em precárias circunstâncias; e para que não falte o pão aos seus filhinhos resolveu dar-lhes o mesmo auxílio como até aqui.

GRUPO LIBERTÁRIO

«OS SOLIDÁRIOS» — Pôrto.

Transporte	8\$70
Vale de Vargo — Fiel B.	
Machado	5\$00
Pôrto — N. K. R. K.	6\$50
Y. Z.	1\$00
A transportar	21\$20

Pró-viúvas e filhos
das vítimas da ex-
plosão das ANTAS

Transporte	1.508\$90
Grupo «Propaganda «Libertária» (1)	14\$00
Grupo «Solidários» (2)	5\$50
» «R. beldes»	2\$50
» «A Comuna»	10\$00
Pôrto — N. K. R. K.	6\$00
» A. C. V.	1\$00
A transportar	1.547\$90

(1) João Mendes, José Maria, Américo Colo, José dos Santos, António Russo, Barbeirinho, L. M. F., Dionísio, 8 a \$50 × 4\$00; Ilídio de Freitas, Cambra 2 a 1\$00 × 2\$00; José Mula 2\$00; Lucena 3\$00; Baptista 3\$00.

(2) António Pinto, José Faria Braga, Dionísio Gomes, Giliate, António Magalhães 5 a 1\$00 × 5\$00; António de Almeida 5\$00.

Rurais de Saborro e S. Geraldo

Resposta ao Questionário do Grupo "O SEMEADOR"

Camaradas: Ainda não há um ano que fundamos o nosso Sindicato; mas, muito antes disso, já havia, nesta localidade, um bom grupo de camaradas que defendiam as ideias libertárias. E foi justamente este grupo que lançou as bases da Associação de Classe, que os trabalhadores Rurais abraçaram com entusiasmo.

Depois disto é que os obreiros vieram a conhecer, em todas as suas minudências, o que era a exploração capitalista, e qual o valor da produção da terra.

Aqui há muitas «herdades» que não produzem senão matos. É quando, ao flagelarmos a incuria dos donos dela, e ao censurarmos-lhes o seu procedimento, que impede uma produção mais intensa, eles respondem-nos: «o mato é preciso para a alimentação do gado, senão ele morreria de fome!» Vejam, bem—o gado a comer mato! É possível que o coma, quando não tem erva e quando a fome... é de três dias. Ora não seria melhor que se arrancasse o mato, se arroteasse a terra para que todos tivessem o suficiente para viver? Era, com certeza. Mas os proprietários não querem! É por isso que a revolução é necessária...

Reportemo-nos, agora, a um caso único. Há, aqui, um «condado», pertencente a um sr. dr. Centena, e que é constituído por onze herdades, sendo *cultivada*, apenas, a décima parte, por ele. Uma outra parte, é dada, aos trabalhadores, aos quartos. Quer dizer: o trabalhador que toma esta terra de ceira, desmoita, charrúa, compra a semente e o adubo, semeia, monda, ceifa e debulha. E, no fim, o dono da terra apropria-se com a quarta parte dos produtos, e ainda diz por cima: «isto é um favor que eu vos faço; o que vós me dais, não chega, sequer, para pagar a renda.»

Ora isto tudo irrita os trabalhadores, visto que, praticamente, eles vão vendo o roubo descarado de que são vítimas por parte dos burgueses. Além disso, neste «condado» há belos vales que davam duas novidades por ano. Por exemplo: semeava-se, em outubro, cevada branca e ceifava-se em maio; e, depois, charruava-se a terra e se-

meava-se feijão. Pois não se faz nada disto: êstes vales estão crivadinhos de tójo e urze. E quando algum trabalhador vai pedi-los para os cultivar, o dono diz que precisa deles. E, assim, lá estão essas terras sem produzirem nada, nem sequer pasto para o gado.

Enquanto a fome domina os lares proletários, o proprietário, que vive na abundância, passa a vida nas cidades, gastando e esbanjando o suor cristalizado de quem trabalha. E para que não haja *dúvidas*, deixa a sua casa e as suas terras entregues a um feitor e a um guarda-livros, que ainda são piores do que ele. Mas, aqui, há mais deste quilate. E o povo que já não está tam cego como eles imaginam, vai vendo estas coisas, e vai-se preparando para a liquidação final, isto é, para o dia da revolução libertadora que termine com toda a desigualdade social, acabando-se com o domínio capitalista e proclamando-se o comunismo livre.

Nesse dia, como depois, todos os trabalhadores que vierem das cidades serão recebidos de braços abertos, como irmãos; e, juntos aos Rurais, formar-se hão comunas agrícolas que, produzindo intensamente, hão de trazer o pão e a abundância para todos.

Viva a Revolução Social.

Pela A. dos T. Rurais de Saborro e S. Geraldo,

A comissão administrativa.

Pró-viúvas e filhos das vítimas da explosão das ANTAS

Transporte . . .	1.547\$90
Grupo Prop. ^a Libertária (1) . . .	14\$50
Gr. «Isolados» (2) . . .	1\$50
» «A Comuna» . . .	10\$00
» «Rebeldes» . . .	2\$50
» «Solidários» . . .	5\$00
Possidónio . . .	3\$25
Foz—J. A. Castro . . .	2\$00
Damião Castelo . . .	2\$50
Giordano Bruno . . .	20\$00
A. C. V.	1\$00
A transportar . . .	1.610\$15

(1) — Manoel Arouca, 2\$00; Ilídio José Freitas, 1\$00; José Mulla, 1\$00; Manoel Pastor, 1\$00; José Maria, \$50; Berberinho, \$50; Dionísio, \$50; S. F., \$50; Coimbra, \$50; L. M. F., \$50; Américo Callo, \$50; Lucêna, 3\$00; Baptista, 3\$00.

(2) — Amândio Pinto, \$50. A. Magalhães, \$50; Giliat, \$50;

“A COMUNA” —NA PROVÍNCIA—

S. Pedro da Cova—Todos os nossos leitores conhecem, pelo menos de nome, esta localidade, onde, por vezes, se tem travado as mais scesas lutas entre o operariado das minas de carvão e os detentores delas.

Ainda está bem patente na memória de todos os camaradas, a última luta encetada pelos mineiros a qual, conquanto tivesse uma solução vitoriosa, mercê da solidariedade da organização operária, teve ao mesmo tempo, a prejudicá-la, a nefasta influência do abade daquela freguesia que, ao contrário do tal Cristo que—dizem—defendia os humildes e que ele devia emitir, se colocou ao lado dos poderosos da Companhia, combatendo o operariado por reclamar mais um bocado de pão.

Este *caridoso* abade que aconselhava as esposas dos mineiros a não deixarem ir, para o Pôrto, as criancinhas, gozar a solidariedade do operariado, propalando infamemente que elas seriam maltratadas e pretendendo que elas morressem à fome, continua a vexar duramente o povo de S. Pedro da Cova, muito especialmente os operários mineiros, praticando as mais estúpidas façanhas.

Não querendo citar outras coisas de que temos conhecimento, mas que tornariam grande esta crónica, limitamo-nos a apontar a última façanha que consiste no seguinte: Tendo ido ao Bairro Operário da Companhia confessar um operário que se encontrava enfermo, no regresso, entrou abusivamente na casa dum outro operário que vive com sua companheira, julgando encontrá-la só. E, nesta suposição, começou a dirigir-lhe as suas *doces* falas, dizendo que estava metida no pecado e outras tantas imposturices, no sentido talvez de se tornar seu protector...

Felizmente que o camarada, seu companheiro, se encontrava a descançar num quarto interior, e, ouvindo a conversa daquele *bondoso* apóstolo de Cristo, bem depressa soube corrê-lo, no que foi auxiliado por mais alguns camaradas concientes.

Pôde, porém, o mastmarro escapar-se a tempo. E, querendo vingar-se da corrida e mais alguma coisa que levou, procurou o director da Companhia, o célebre jesuita Torcato, combinando ambos expulsar do bairro todos os operários que,

para poderem viver juntos, não tivessem pedido licença ao quixotesco representante de Loyola. Refinadíssimo farçante!... Como se haja alguma lei natural que indique a necessidade de dois entes, para se amarem mutuamente, precisarem da sanção legal do registo civil ou da intervenção *santíssima* dos histrões de qualquer das religiões existentes!...

A infamia realizou-se.

Os camaradas que livremente viviam juntos, foram expulsos. Não nos admiramos do acontecido, porque conhecemos de sobejo o espirito reaccionário da Companhia das Minas, composta de Severianos, Torcatos e outros quejandos *sócios*. Como anarquistas, simplesmente registamos o facto, pois que outra coisa não pode acontecer enquanto o povo não se emancipar da tirania burguesa e religiosa e de todos os preconceitos sociais. Resta ao povo de S. Pedro da Cova, especialmente aos operários mineiros, dar, neste momento, a devida recompensa ao abade...

UM REVOLTADO.

PRÓ-PRESOS por QUESTÕES SOCIAIS

Recordemo-nos sempre dos presos por questões sociais. E enquanto preparamos os meios para destruir todos os cárceres, contribuamos simultaneamente com o nosso óbulo para lhes minorar o sofrimento, bem como o sofrimento das suas famílias.

Transporte . . .	807\$60
Figueira da Foz:	
Joaquim Fernandes . . .	2\$50
Abel R. Carvalho . . .	4\$00
Augusto Aleixo . . .	2\$50
Joaquim L. Machado . . .	1\$50
António Figueiredo . . .	1\$20
António Rafael . . .	2\$50
Gulpilhares:	
Giordano Bruno . . .	10\$00
Gaia:	
Damião Castelo . . .	2\$50
A transportar . . .	834\$30

LEIDEI

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Porta-voz da organização operária portuguesa

A DESOCUPAÇÃO

A desocupação, isto é, a crise de trabalho, atesta, dum modo que não admite dúvidas, o péssimo funcionamento da sociedade capitalista e a falência estrondosa da teoria do Estado. Mas, para se apreciar melhor a nossa afirmativa, vamos traduzir, dos *Comuniqués de Press*, órgão informativo da F. S. I., a seguinte estatística sobre a desocupação em diferentes países: falando com a eloquência dos números, diz muito mais do que um longo artigo. Principie-mos, pois:

ALEMANHA—Neste país as estatísticas acusam uma desocupação sem precedentes. O número dos *sem-trabalho* nos territórios que não foram afectados pela ocupação franco-belga, elevava-se, em fins de dezembro último, a 1.450.000; e o número dos desocupados parcialmente era de 1.830.000! Nos territórios ocupados, havia, em fins de novembro, 2.000.000 de operários semtrabalho, e 500.000 afectados por desocupação parcial. E em outubro do ano findo, 19,1 por cento dos efectivos dos sindicatos não tinham trabalho!

AUSTRÁLIA—Segundo os dados oficiais, o número total dos desocupados durante o último trimestre de 1923, era de 93.000, 7,5 por cento. E, de 453 sindicatos, com um efectivo de 380.256 membros, registaram-se, no mesmo período, 28.122 operários desocupados, ou sejam, 7,6 por cento.

AUSTRIA—Em fins de outubro de 1923, o número de operários semtrabalho ascendia a 75.774!

BÉLGICA—Em novembro de 1923, havia 12.691 desocupados, total e parcialmente.

CANADÁ—Em fins de outubro de 1923, o número de desocupados entre os membros dos Sindicatos, era de 4,8 por cento.

DINAMARCA—Em 7 de janeiro deste ano,

o número de desocupados inscritos elevava-se a 49.000!

FRANÇA—No dia 1 de dezembro findo, o número de desocupados inscritos nas Bólsas de Trabalho, era de 10.828, dos quais, 7.181 homens e 3.697 mulheres!

GRÃ-BRETANHA—Em 31 de dezembro de 1923, o número de homens

LETÓNIA—Nos cinco centros industriais deste país—Riga, Indau, Libau, Mitau e Duneburg, encontravam-se sem trabalho, em fins de dezembro, último, 1.286 homens e 2.270 mulheres!

NORUEGA—Em 25 de novembro findo, havia, neste país, 18.600 operários sem trabalho!

dos parcialmente diminuiu de 14.662 para 14.368.

TCHECOSLOVAQUIA—Em princípios de setembro do ano findo o número total de operários desocupados elevava-se a 197.664!

Em face deste quadro profundamente atemorizador, a revolução impõe-se. Não a revolução política—a substituição dum mandante por outros mandantes, que isso não resolve o problema, como exuberantemente o prova a Rússia bolxevista, aonde há também desocupados, conforme as estatísticas que temos publicado para elucidação das gentes. Mas a revolução social, aquela revolução que, modificando toda a estrutura política, económica e social dos Estados capitalistas, permitirá a todos os trabalhadores o exercício livre das suas fôças e da sua vontade, guiados apenas pelo bom comum.

Esta revolução não pode, porém, ser operada dentro dos moldes estreitíssimos da teoria do Estado: tem de ser mais ampla, isto é, tem de ser moldada nos princípios libertários. Porque só estes princípios é que terminam com os Estados opressores, com as fronteiras estúpidas e com a desigualdade de castas e de classes.

Variar de Estados, é a mesma coisa que variar de botas apertadas. Fiquem certos disso os trabalhadores. A revolução social, para dar o pão, a liberdade e a abastança para todos os indivíduos, ha-de ser libertária; finalizando num Estado qualquer, não é nem será revolução social: quando muito, pode ser uma revolução política.

E de revoluções políticas estamos nós fartos...

Já se encontra à venda:

PEDRO KRAPOTKINE

O ESTADO
E O SEU
PAPEL HISTÓRICO

Preço, 1\$50

Pelo correio, 1\$80

Não se servem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância.

e mulheres desocupados era de 1.250.000!

HUNGRIA—No dia 1 de novembro findo, o total de operários sem trabalho era de 13.227!

ITÁLIA—O número total de desocupados neste país, era, em agosto de 1923, de 187.612!

POLÓNIA—A desocupação na Polónia, alcançava, em agosto de 1923, a 56.515 operários!

SUIÇA—O total de trabalhadores desocupados neste país, aumentou, do fim de outubro de 1923 ao fim de novembro, de 24.013 para 27.029. E durante o mesmo período, o número de desocupa-

CORREIO DE "A CÔMUNA"

ESPINHO—F. Santos Silva. Fica pago até ao n.º 73.

AMÉRICA—José Martins Júnior Recebemos 5 dólares. Destinamos 60\$00 para a vossa assinatura e 100\$00 para a subscrição voluntária.—Manoel Dias. Recebemos 20\$00. O jornal tem ido sempre.